

1648 a 1853 -Historiografia Paranaense a sua relação com a Toponímia

Márcia Zamariano

Mestrado em Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Rua Paranaguá, 540, apto 603-86.020-030 – Londrina – PR – Brasil
mzamariano@uol.com.br

***Abstract.** This paper presents the partial results of a study about the physics accidents from cities founded between 1648 and 1853 in the state of Paraná. We have in mind to show the geographic nomenclature intending to spot the correlation between language/culture/society while searching for the facts and historical moments from the time of the colonization of the state.*

***Keywords.** lexicon; Toponymy;Paraná;motivation.*

***Resumo.** Este estudo trata dos resultados parciais a respeito de acidentes geográficos das cidades paranaenses fundadas entre 1648 e 1853. Mostraremos a nomenclatura geográfica para evidenciar a correlação entre língua/cultura/sociedade enquanto buscamos por fatos e momentos históricos no tempo da colonização do estado.*

***Palavras-chave.** léxico; Toponímia; Paraná;motivação.*

Como ramo da Onomástica, cabe à Toponímia estudar a procedência da significação dos nomes dos lugares, considerando os aspectos geo-históricos, socioeconômicos e antro-po-lingüísticos que originaram os nomes destes lugares e suas subsistências. Seu campo não se limita apenas ao aspecto lingüístico ou etimológico, conforme Dick (1990a, p.22) “os topônimos são, pois, verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população”. A esse respeito pode-se acrescentar que a Toponímia é uma das disciplinas que integram a ciência lingüística por investigar o léxico toponímico considerando-o expressão lingüístico-social que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente.

Nos estudos toponímicos de uma região também se procura resgatar a motivação que há por trás da escolha de cada nome, podendo-se entender indícios que nos conduzem a confirmar que o ambiente está refletido na língua, por meio dos topônimos, considerando-se o pensamento de Sapir (1969). Igualmente a esse respeito, Isquierdo (1996, p. 02) completa que uma abordagem sócio-etnolingüística da língua envolve, portanto, “a análise do fato lingüístico como criação ligada a um sujeito inserido num grupo sócio-lingüístico cultural cujas características são refletidas na língua, mormente no âmbito do léxico”.

Na análise da motivação toponímica, recorre-se ao estudo das categorias taxionômicas propostas por Dick (1990 b, p.31-34-), que tiveram por objetivo, além da formulação de uma terminologia técnica, específica da matéria, dar destaque aos motivos que comandam a organização da nomenclatura geográfica. A autora expõe um

modelo taxionômico para a classificação dos topônimos que se baseou nas duas ordens genéricas nas quais se agrupam os fatos determinantes da escolha do nome de lugar: a natureza física e a antro-po-cultural.

Aguilera (1999, p.125) afirma que a nomeação dos acidentes geográficos não é feita aleatoriamente pelo homem, mas o faz “movido por alguma impressão sensorial e/ou sentimental que o acometa no momento da denominação”. Assim, o mecanismo da nomeação, por meio das influências externas ou subjetivas, transparece em topônimos das mais diversas origens e procedências, confirmando-se o que destaca Dick (1980 a, p.60) “nome e nomeador pertencem a um só conjunto, são elementos da mesma origem, unidos pelo ato da nomeação”.

O objetivo deste trabalho é discutir resultados parciais de uma pesquisa em andamento sobre o estudo dos acidentes físicos (rios, serras, morros, córregos, etc.) dos municípios paranaenses fundados entre 1648 a 1853, classificando-os com base na motivação que presidiu o ato denominativo. Essa classificação repousa na tese de que o signo toponímico é motivado, e essa motivação é originada de fatores extralingüísticos, ou seja, considera-se a realidade circundante como um fator de influência no processo de nomeação dos lugares. Assim, priorizamos investigar a influência do ambiente em um recorte toponímico, entendendo o topônimo como um dos aspectos do léxico.

Justifica-se a escolha desse recorte diacrônico pelo fato de ter sido fundada a primeira cidade paranaense em 1648 (Paranaguá) e ser o território declarado Província em 1853. Por meio desta pesquisa espera-se recuperar fatos históricos, lingüísticos, etnológicos e sociais que pertencem a esta fase, uma vez que a História do Paraná, como de qualquer outro espaço geográfico, é o conhecimento de todos os acontecimentos que a memória humana registrou desde os primeiros seres que nele viveram e vivem.

Constituído o objeto de estudo e os métodos de pesquisa (indireta, descritiva e histórica), buscaram-se os elementos para a constituição do *corpus* no banco de dados do projeto ATEPAR – Atlas Toponímico do Estado do Paraná, onde se encontram sistematizados os topônimos paranaenses. Por meio de um levantamento preliminar constatou-se serem aproximadamente trinta e seis os municípios considerando-se a data de fundação da localidade.

Entretanto, como os dados do ATEPAR foram obtidos mediante correspondência enviada as Prefeituras - e neste particular deve-se considerar que alguns topônimos sejam conhecidos na localidade por outro nome - julgou-se, então, mais oportuna a utilização de mapas oficiais fornecidos pela SEMA – Secretaria do Meio Ambiente do Paraná. Também está sendo feita, no presente trabalho, a classificação semântica dos topônimos, tendo por parâmetro o modelo elaborado por Dick (1990b), o qual, considerando a realidade brasileira, envolve as categorias toponímicas distribuídas por suas taxes específicas.

1. Aspectos da formação do território Paranaense

As terras que formam o território paranaense, no início da colonização pertenciam quase que totalmente à Espanha, em virtude do Tratado de Tordesilhas, acordo assinado em 07 de julho de 1494 entre Portugal e Espanha. Restou a Portugal uma estreita faixa no litoral que compreendia as Capitânicas de São Vicente e Sant’ Ana.

Preocupado com a posse das terras que lhes pertenciam, os espanhóis fundam em 1554 a Vila de Ontiveros, transferida, em 1557, para a foz do rio Piquiri, onde formam a Ciudad Real de Guairá. Em 1576, na confluência dos rios Corumbataí e Ivaí, criam a Villa Rica del Espíritu Santo. Nos primeiros anos do século XVII, o governo espanhol delegou a pacificação e conversão dos indígenas aos jesuítas que vêm para trabalhar e administrar as “reduções” (pequenos núcleos de povoamento). Com esta transferência e por meio da Carta Régia de 1608, criou-se a Província del Guairá nas terras ocidentais do Paraná. (CARDOSO E WESTPHALEN, 1981, p.40).

Segundo Wachowicz (2001, p.35), “o sucesso absoluto das reduções levantou temores dos luso-brasileiros de São Paulo”. Por conta desses temores, os bandeirantes paulistas empreenderam ao território da Província de Guairá vários ataques, de tal forma que, em 1629, resolveram acabar definitivamente com as reduções jesuíticas. A expulsão dos jesuítas e a destruição dos núcleos por eles construídos significaram a vitória dos portugueses na luta pela posse e conquista do território.

Quando se aborda a questão do processo de ocupação e povoamento do Estado do Paraná, historiadores e geógrafos convencionaram dividi-lo em três áreas histórico-culturais. Wachowicz (2001) atesta que a primeira área da colonização paranaense, corresponde ao que chamamos de “Paraná Tradicional”, que teve sua história iniciada com o ciclo do ouro; estruturou-se com o surgimento das tropas e o trabalho campeiro na ocupação dos Campos de Guarapuava e Palmas; e mais tarde, com a chegada de imigrantes e as atividades extrativas da erva-mate e da madeira.

A segunda área, correspondente ao norte do Paraná, chamado de “Norte Velho ou Norte Pioneiro”, surge com o fluxo de imigrantes (japoneses, italianos, sírio-libaneses) e migrantes (paulistas, mineiros) que vêm para povoar e explorar a floresta, seguindo até o início da produção cafeeira. Este período é marcado por várias concessões de terras pelo governo do Estado, de terras devolutas às companhias colonizadoras. A terceira e última fase originou-se em meados da década de 1950, quando ocorre o deslocamento populacional chamado de “frente sulista” que ocupa o oeste e sudoeste paranaense.

2. Análise de dados

Objetivando-se fazer a classificação dos topônimos com base na proposta taxionômica de Dick (1990b) destaca-se uma grande incidência de **fitotopônimos** (nomes de vegetais), confirmando-se, principalmente, a importância dos pinhais para a história e para o Estado através das denominações como: *Pinheiro* (rio, ilha), *Pinheiros* (baía dos), *Pinheiral* (rio do), *Pinhãozinho* (rio), *Pinheirinho* (arroyo, ilha do), *Pinhal Redondo* (água do). Pode-se resgatar também: *Imbuia* (serra da, arroio), *Xaxim* (arroio, rio), *Congonha* (rio), *Congonhas* (arroio), *Erval* (rio, arroio do), *Erveira* (ribeirão), *Guabiroba* (rio, arroio, ribeirão da, córrego da), *Capão da Vargem* (arroio), *Faxinal* (rio do), *Abobreira* (rio, arroio), *Margaridas* (morro), *Coqueiro* (rio), *Butiá* (rio, lajeado do, ribeirão do), *Campo das Cinzas* (serra), *Mato Preto* (água), *Sapezal* (ribeirão do), *Caatinga* (ribeirão), *Café* (rio do).

A fauna de uma determinada região, a exemplo dos topônimos motivados pela flora, também se reflete nos nomes dos acidentes geográficos, destacando-se desse modo a influência do ambiente físico na geração dos designativos. Este fato ocorre não

só por estarem os **zootopônimos** (nomes de animais) vinculados à vida das populações, como também pela presença física dos animais lembrados na localidade.

Entretanto, nem sempre “a presença de determinado animal numa área qualquer”, pressupõe necessariamente, seu habitat natural, bastando um encontro ocasional pelo denominador, no ato da nomeação, resultando daí o toponomástico (Stewart, apud Dick 1990 a, p.256). Assim, podem-se perceber topônimos como: *Garças* (ilha, rio das,), *Gralhas* (ribeirão das), *Araras* (arroio da, rio das), *Lambari* (rio), *Amêijoa* (rio), *Cutia* (rio,lajeado da), *Lagarto* (arroio), *Tatu* (arroio),*Cavallhada* (córrego), *Boi Carreiro* (rio), *Vaca Gorda* (rio).

Outra taxionomia que sobressai é a dos **hidrotopônimos** (relativos a água). Os rios, fontes de vida e vias de comunicação de todas as antigas civilizações, possuíam importância simbólica significativa e a água representava o nascimento e a morte, a origem e o fim da vida. Partindo-se do pressuposto de que, no momento de denominar um rio, o procedimento mais natural é o de designá-lo a partir de uma das particularidades mais marcantes, infere-se que várias foram as motivações toponímicas, como por exemplo, em *Água Branca* (rio, arroio), *Rio Branco* (serra, ribeirão). Igualmente, se fosse considerada a coloração das águas teria a motivação para *Água Amarela* (arroio); pela temperatura em *Água Quente* (arroio, rio); pela beleza da paisagem em *Águas Belas* (rio). Tem-se ainda: *Barra Bonita* (rio), *Fonte* (rio da), *Braço do Rio do Meio* (ribeirão do), *Lagoa da Onça* (ribeirão).

Como a quarta maior ocorrência prevalece, os **antropotopônimos** (constituídos a partir dos designativos pessoais, sejam em prenomes ou apelidos de família, de maneira combinada ou não). A denominação espontânea, de acordo com Dick (1990a, p.294-295), acontece com os acidentes identificados “simplesmente pelo nome de um morador”, e que revelam uma técnica denominativa característica de um “pequeno horizonte geográfico, distinto daquela imposta por autoridades ou eventuais detentores do poder de mando e que, tantas vezes, se distinguem pelo distanciamento da realidade ambiental ou do gosto popular”, e nesta nomeação anônima, “a razão de ser de seu emprego não extrapola as cercanias da localidade que lhe deu origem, por não possuírem, a força e o prestígio dos nomes históricos ou de projeção nacional”.

Assim, pelos antropotopônimos encontrados verificamos que muitos se referem a moradores de um determinado município, verdadeiros desbravadores como: *Teixeira* (Ilha do), *Valadares* (Ilha do), *Toral* (rio), *Almeidas* (rio dos), *Inhate*(rio). De um modo geral predomina no *corpus* os sobrenomes de origem portuguesa *Alves*, *Teixeira*, *Martins*, *Correias*, *Pinto*, *Soares*, mas há também os de origem estrangeira como *Butka* (arroio do), *Gurski* (arroio do).

Os **litotopônimos** (de índole mineral) destacaram-se como a quinta maior produtividade. Encontram-se expressões formadas que recordam o *Ouro* (rio, arroio do); a sua cor *Dourado* (arroio), *Dourada* (lagoa), a *Prata* (rio da, serra da, água da , ribeirão da). Quanto às pedras preciosas tem-se *Cristal* (rio) e da mineração *Diamante* (rio). Litotopônimos mais comuns aparecem em um número maior de ocorrências: *Barro Preto* (arroio, rio, córrego), *Barreiro* (córrego, rio, lajeado, rio do), *Terra Boa* (ribeirão), *Terra Vermelha* (rio), *Pedra Vermelha* (arroio), *Pedregulho* (lajeado do), *Lajeadão* (arroio, rio), *Lajeado Bonito* (arroio), *Tabatinga* (rio) .

Quanto ao registro de **geomorfotopônimos** (relativos às formas topográficas, elevações ou depressões do terreno) como a sexta taxa mais produtiva, pode-se atribuir

à importância que, desde as primeiras civilizações, a forma do relevo influenciou a ocupação humana, facilitando ou dificultando o povoamento das diferentes regiões do planeta. A pesquisa demonstrou a ocorrência de geomorfotopônimos como: *Serra Negra* (rio), *Serrinha* (morro), *Serradão* (arroio), *Espigão Branco* (arroio), *Morro Grande* (arroio), *Lombão* (serra), *Monte Negro* (serra), *Tabuleiro* (arroio), *Chapada* (arroio da), *Cava Funda* (arroio), *Cova* (rio), *Buracos* (lajeado dos), *Grota Funda* (ribeirão).

A categoria dos **ergotopônimos**, que se baseiam em elementos da cultura material do homem, se destacou como a sétima maior produtividade no *corpus*. Jules David Prown (apud Nogueira, 2002) define que o estudo da cultura material tem o propósito de “(...) entender a cultura, de descobrir as crenças – os valores, as idéias, as atitudes e as pretensões de uma determinada comunidade ou sociedade num certo tempo”. Cultura Material é, pois, tudo aquilo que o homem cria ou concebe e que utiliza na sua vida cotidiana, de modo a extrair do meio envolvente tudo o que necessita.

No recorte desta pesquisa, sobressai o espaço percorrido pelos tropeiros que faziam o trajeto Sorocaba-Viamão e o ciclo do tropeirismo não foi somente a alternativa de transporte ou o ciclo econômico e social que substituiu o bandeirismo no início do século XVIII, mas que teve relação direta com o povoamento brasileiro, contribuiu para a consolidação de fronteiras e mudou a história das relações comerciais no país. Desse modo, na antiga rota das tropas ainda existem diversos vestígios que confirmam a existência/importância desse ciclo, fazendo despontar nomes que sugerem elementos úteis ao trabalho dos tropeiros como: *Freio* (arroio), *Ferro* (morro), *Guarina* (ribeirão da), *Lanceta* (rio), *Chapéu* (morro do, ilha do), *Ponte Coronel* (arroio), *Tabuão* (rio), *Prancha* (arroio da), *Varejão* (arroio), *Pinguela* (rio), *Estiva* (arroio, rio da), *Porteira* (arroio da, rio das), *Coxos* (arroio dos), *Pilão de Pedra* (arroio), *Gamelas* (ilha das), *Moinho do Engenho* (lajeado do), *Monjolo* (arroio, córrego, rio do, arroio do, ribeirão do).

Também se destaca no *corpus* como a oitava maior ocorrência os **animotopônimos** (relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, não pertencente ao meio físico propriamente dito). Segundo Isquierdo, (1996, p.118), quando um animotopônimo manifestar “sensação de perfeito bem-estar, boa disposição de ânimo” será considerado eufórico; e quando manifestar “sensação desagradável, ansiedade, desassossego, expectativas não muito otimistas”, será chamado disfórico. Considerando a realidade sócio-histórico-cultural do colonizador paranaense, nos sintagmas toponímicos *Tristeza* (ribeirão), *Encrenca* (arroio da), *Desencantadas* (morro das), *Chorão* (rio), nota-se a manifestação de um sentimento disfórico do denominador em relação ao acidente geográfico, talvez algum fato ruim acontecido no local. Igualmente, pode-se destacar topônimos nos quais há sentimento eufórico como *Mundo Novo* (rio), *Boa Vista* (morro da, morro, rio, serra da, arroio, lajeado), *Boa Esperança* (serra); *Paraíso* (ribeirão), *União* (rio).

Os **sociotopônimos** (relativos às atividades profissionais, locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade), destacaram-se como a nona maior ocorrência. As atividades econômicas do Estado do Paraná, desde seus primórdios, resultam, em sua grande parte, da combinação de seu solo com o clima. Temos como certo que as atividades das primeiras povoações paranaenses, por mais de dois séculos se exerceram à beira dos rios auríferos e no pastoreio (Asari, 1978). No que se refere ao local de

trabalho ou a extração de minérios podemos constatar a motivação para topônimos como: *Faisqueira* (rio, arroio da, morro da), *Faisqueiro* (ribeirão), *Lavrinha* (rio), *Mina* (rio da), *Lavras* (rio das, ribeirão).

Numa referência à presença específica dos tropeiros e criadores de gado, podemos ter a motivação para topônimos como: *Fazenda* (ribeirão da, serra da, arroio da), *Fazenda Velha* (córrego), *Retiro dos Patinhos* (córrego), *Paiol de Cima* (arroio), *Paiol de Telha* (arroio do), *Paiol Velho* (arroio do), *Paiol dos Fundos* (arroio), *Engenho Grande* (ribeirão do), *Engenho Novo* (arroio), *Engenho Velho* (arroio), *Rancho Grande* (rio), *Rodeio* (rio, ribeirão, arroio do), *Arrieiros* (lomba do), *Charqueada* (rio, ribeirão), *Potreirinho* (ribeirão do, arroio), *Curral* (arroio do, ilha do).

Considerações Finais

A sociedade humana tem uma característica muito interessante que é criar o conhecimento, renová-lo e criar novamente. Neste processo contínuo de vir a ser, alguns elementos, entre eles os topônimos, encontram-se guardando, no tempo e no espaço, elementos de “outros tempos”, como a nos lembrar que somos o único animal que constrói a própria história, de forma cumulativa e revisada. Portanto, constatou-se nessa pesquisa, que por meio da investigação dos signos toponímicos pode-se desvelar a história da vida e da mentalidade dos grupos humanos de determinada época, visto que nos topônimos estão conservadas as tradições e costumes de um povo ou registradas as características topográficas locais mais sensíveis.

5. Referências bibliográficas

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Taxionomia de Topônimos: Problema sem solução? In: *Revista Signum: Estudos da Linguagem*. Londrina: UEL. n.2.p.125-137,1999.
- ASARI, Alice Yatiyo. *Aspectos Históricos, Físicos, Econômicos e Institucionais do Município de Londrina: Documento – Consulta*. Londrina, 1978.
- CARDOSO, Jaime Antonio; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Atlas Histórico do Paraná*. Curitiba: Indústria Gráfica Projeto Ltda , 1981.
- DICK, Maria Vicentina P. do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990 a.
- _____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1990 b.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. *O Fato Lingüístico como Recorte da Realidade Sócio-cultural*. Tese (Doutorado). Araraquara: UNESP, 1996.
- NOGUEIRA, Sandra. *Cultura Material. A emoção e o prazer de criar, sentir e entender os objectos*. Disponível em: http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/sandra_nogueira.htm Acesso em: 20 out. 2004.
- SAPIR, Edward. *Lingüística como Ciência. Ensaio*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.
- WACHOWICZ, Ruy. *História do Paraná*. 9. ed. Curitiba; Imprensa Oficial do Paraná, 2001.